

Nordestinas jovens com pouco estudo compõem maior parte do desalento

Por outro lado, homens sulistas com ensino superior completo são minoria entre as pessoas que desistiram de procurar emprego no Brasil; segundo especialista, melhora depende das eleições

RENATO GHELFI • SÃO PAULO

O grupo das pessoas desalentadas – que desistiram de procurar emprego – é composto prioritariamente por moradores do Nordeste, que representam 59% do total nacional. No recorte por faixa etária, os indivíduos com idade entre 18 e 24 anos são maioria, constituindo 25% do grupo, enquanto a análise por anos de estudo indica que as pessoas com ensino fundamental incompleto são 50% dos desalentados. Já a abordagem por sexo aponta que as mulheres têm presença maior entre os que abandonaram a busca por emprego, representando 54,7% do total. Os dados são referentes ao segundo trimestre deste ano e foram divulgados ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

De acordo com a porta-voz do estudo, os piores quadros do desalento estão alinhados às maiores taxas de desemprego – estas últimas consideram as pessoas que ainda estão em busca de alguma ocupação no País. “Quando há muitos desempregados em determinado segmento, é natural que uma parcela deles desista de procurar trabalho”, diz Maria Andréia Parente Lameiras, técnica de planejamento e pesquisa da diretoria de estudos e políticas macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

Segundo a entrevistada, é especialmente preocupante a grande presença de jovens entre os desalentados. “Mesmo com uma educação melhor que a dos pais, muitos [jovens] não conseguem se inserir na economia.” Esse fenômeno, segue ela, impede uma melhora da produtividade no País, já que mantém afastada do mercado de trabalho brasileiro uma parcela de pessoas que teve, em média, uma educação de maior qualidade.

Maria Andréia destaca, ainda, que os jovens representam menos de 15% da população em idade ativa (PIA). “Mas, mesmo assim, um em cada quatro desalentados tem entre 18 e 24 anos. Proporcionalmente, é algo bem pior que a parcela vista em outras faixas etárias”, acrescenta. Sobre a análise por região, a especialista afirma que, apesar de uma melhora durante as últimas décadas, a economia nordestina ainda é “menos sofisticada” que a média do País, o que colabora para a manutenção de taxas de desemprego mais elevadas do que no Sul e no Sudeste, por exemplo.

INFORME

Chefes de família

A pesquisa do instituto também indicou que 30,8% dos desalentados são chefes de família, enquanto 69,2% não têm essa responsabilidade. Na visão de Maria Andréia, esse dado é “menos surpreendente”. “Por terem que sustentar outras pessoas, os chefes de família costumam resistir mais na busca por emprego que os demais”, afirma ela.

Menor presença

O perfil que menos aparece entre os desalentados no Brasil é o de homens sulistas com ensino superior completo. Já no recorte por faixa etária, há menor participação do estrato com mais de 59 anos. Entre as regiões do País, no Sul estão apenas 4,3% dos desalentados, um pouco menos que os 4,4% do Centro-Oeste. Na análise por escolaridade, 5,3% das pessoas que desistiram de procurar emprego cursaram uma faculdade, 22,8% contam com ensino médio completo e 11% fizeram o ensino fundamental até o fim. Na análise por idade, 14,1% dos desalentados têm mais de 59 anos, menos da metade das parcelas registradas nas faixas entre 40 e 59 anos (30%) e entre 25 e 39 anos (30,6%).

Para Maria Andréia, do Ipea, a melhora do quadro de emprego depende de uma recuperação mais rápida da economia brasileira. “A melhora ainda é muito lenta.” Nesse sentido, a especialista diz que o desfecho das eleições será fundamental para a melhora dos índices econômicos. Isso porque, segundo ela, ainda existe uma dúvida grande em relação ao plano econômico que será adotado em 2019. “Só vamos gerar emprego quando os investimentos voltarem. Os investimentos só voltarão quando houver maior segurança sobre o futuro. E a segurança só voltará quando o resultado das urnas sair.”

Confiança da indústria da FGV cai 2,9 pontos em setembro, aponta prévia

Houve piora tanto nas avaliações dos empresários em relação ao presente quanto nas expectativas para os meses seguintes

ESTADÃO CONTEÚDO

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) apurado na prévia da sondagem de setembro teve um recuo de 2,9 pontos em relação ao resultado fechado de agosto, para 96,8 pontos, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) nesta sexta-feira, 21. Se confirmado, o resultado será o mais baixo desde outubro de 2017. Houve piora tanto nas avaliações dos empresários em relação ao presente quanto nas expectativas para os meses seguintes. O

2

INFORME

Índice da Situação Atual (ISA) caiu 2,6 pontos em setembro, para 95,3 pontos. Já o Índice de Expectativas (IE) recuou 2,9 pontos, para 98,5 pontos.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria indicou uma alta de 0,7 ponto porcentual em relação ao patamar de agosto, passando de 76,0% para 76,7% em setembro. A prévia dos resultados da Sondagem da Indústria da FGV abrange a consulta a 798 empresas e foi feita entre os dias 3 e 19 de setembro. O resultado final da pesquisa será divulgado no próximo dia 27.

Volkswagen trabalhará aos sábados

JULIANA ESTIGARRÍBIA • HANNOVER (ALEMANHA)

A Volkswagen Caminhões e Ônibus deve voltar a trabalhar quatro sábados por mês na planta de Resende (RJ) a partir de novembro, disse nesta quinta-feira (20) o CEO da montadora no País, Roberto Cortes. Segundo ele, a demanda está retornando. “A economia volta a dar sinais de recuperação e a prova disso é que estamos trabalhando com turno cheio”, disse o executivo durante a maior feira de transportes do mundo, a IAA, que acontece em Hannover, na Alemanha. No entanto, Cortes afirma que ainda é cedo para falar sobre a abertura de um novo turno. “Tudo dependerá de como a economia vai evoluir. Apesar da volta do crescimento, a decisão de abrir o segundo turno depende de previsibilidade”, destaca.

Durante apresentação das novidades da IAA, o executivo comentou sobre a defasagem de preços que o mercado de caminhões vem enfrentando. “Nos últimos cinco anos, a demanda caiu cerca de 75% e a ociosidade das montadoras chegou a atingir esse nível. Com a inflação acumulada de todo esse tempo, hoje os preços ainda estão defasados em aproximadamente 20% e, se aplicarmos reajuste, não vendemos caminhões. As margens continuam bastante comprimidas.” Apesar disso, o recém-criado grupo Traton – dono das marcas Volkswagen, MAN, Scania e RIO – vê o Brasil como prioridade. O CEO Andreas Renschler disse que a empresa voltou a operar no azul no Brasil. “Estamos no caminho certo. Conseguimos investir e voltamos a ter lucro”, assinalou. “O Brasil é indiscutivelmente nosso mercado número um no mundo.”

Tamanho do mercado

Cortes trabalha com uma projeção para o mercado de caminhões, neste ano, em torno de 65 mil unidades. No ano passado, as vendas foram de pouco mais de 50 mil unidades no

INFORME

País. “Nós enxergamos um crescimento anual mínimo de dois dígitos para nossa empresa nos próximos cinco anos”, estima o executivo.

Ele acredita que o tamanho do mercado brasileiro é de aproximadamente 150 mil unidades anuais. No entanto, conforme Cortes, o recorde de vendas de quase 175 mil caminhões em 2011 não deve voltar a acontecer. “Naquele ano, houve antecipação de compra devido à troca da legislação de emissões. Mas o País tem muito potencial para trabalhar.”

País gera 100 mil novas vagas

O presidente Michel Temer antecipou-se ao Ministério do Trabalho e anunciou, pelo Twitter, que o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) de agosto deste ano registrou que foram criados mais de 100 mil empregos formais no Brasil.

"Fui informado que o País criou mais de 100 mil empregos com carteira assinada em agosto. Isto é prova que o Brasil está no rumo certo. Em plena recuperação", escreveu o presidente da República.

Em julho, dados do Ministério do Trabalho indicaram abertura de 47,3 mil vagas, o melhor resultado para o período em seis anos.

O desempenho surpreendeu economistas que esperavam expansão mais modesta e o número reforça a percepção de "normalização" defendida por alguns economistas após a greve dos caminhoneiros.

Seis dos oito setores da economia terminaram o mês com mais empregados, com o agronegócio liderando as contratações, com destaque para as atividades relacionadas à soja e laranja. /**Estadão Conteúdo**